



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1147

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AS AULAS DE HISTÓRIA

Camila Rola Alves

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

**Resumo.** Esta proposta de comunicação oral tem por objetivo destacar alguns pontos do trabalho realizado com uma turma do 4º ano na cidade do Rio Grande, no ano de 2014. Para tanto, utilizamos a metodologia da Educação Patrimonial, a qual tem como objetivo levar os sujeitos, independente da idade, a um processo de conhecimento, valorização e preservação dos bens culturais; sendo assim, a Educação Patrimonial representa uma ferramenta muito interessante de ser utilizada na sala de aula, já que a mesma promove o contato direto do indivíduo com os bens culturais. Ao trabalharmos com esta metodologia na sala de aula, buscamos atividades que aproximassem os alunos dos seus bens culturais. Realizamos a atividade “Os bens culturais e suas histórias”. Para este exercício foi solicitado ao aluno para trazer de casa um objeto que goste, então contaram a história do seu patrimônio para os colegas. Outra atividade realizada foi uma leitura e roda de conversa sobre o livro “As aventuras do Gato Caixeiro em Londrina”, este busca valorizar a relação da família a partir do ato de sentar e escutar as histórias dos mais velhos. A partir da leitura e discussão sobre este livro, foi proposto para os alunos que eles entrevistassem seus avôs, pessoas mais velhas as quais eles conheçam para saber como era a cidade antigamente. Tendo em vista que, ao pensarmos a Educação Patrimonial no espaço escolar, objetivamos trabalhar com as crianças buscando a educação, o despertar do olhar à preservação e trabalho com a história e as memórias locais.

**Palavras-chave:** Bens Culturais; Educação Patrimonial; Ensino de História

O presente trabalho visa a utilização da Educação Patrimonial, no interior da sala de aula, usando esta como uma ferramenta para o ensino de História. Nos últimos tempos, são muitos os mecanismos que intencionam chamar a atenção do aluno para a disciplina de História, os quais se utilizam de uma diversidade de ferramentas, podendo contribuir para a configuração do processo de ensino-aprendizagem. Em consonância com esta perspectiva, salienta-se a posição de Circe Maria Fernandes Bittencourt na obra “Usos Didáticos de Documentos”, na qual ela afirma que o professor pode utilizar documentos, imagens, jornais; enfim, muitas fontes podem ser usadas na sala de aula.

Nesta direção, a proposta deste estudo consiste em direcionar o olhar do aluno para o patrimônio cultural local por meio do ensino de História, a partir do suporte da metodologia da Educação Patrimonial, tendo como foco a cidade do Rio Grande. Em uma época onde o tema patrimônio e memória estão no auge das discussões, torna-se importante o desenvolvimento de atividades voltadas ao trabalho com o patrimônio cultural nas Escolas, haja vista que estes são os indivíduos os quais irão manter a memória dos seus patrimônios. Por esse motivo optamos por trabalhar com a metodologia da Educação Patrimonial no Colégio Sagrado Coração de Jesus, educandário vinculado ao Círculo Operário Rio-Grandino, com uma turma de 4º ano, na cidade do Rio Grande (RS). Escolhemos trabalhar com uma turma de 4º ano por que é neste momento, que eles estudam a história da cidade do Rio Grande, sendo então um momento propício para obterem conhecimento sobre o histórico, os patrimônios, os quais se encontram na cidade. E, a partir de então, possam (re)educar o olhar sobre o espaço citadino, pois, muitas vezes, os alunos não conhecem o histórico de lugares por onde passam diariamente, ou não prestam atenção aos detalhes, por exemplo, da arquitetura local.

Haja vista que a metodologia da Educação Patrimonial leva o aluno a ter um contato real, a entender o que é patrimônio e a eleger os seus, conforme aponta a fala de Evelina Grunberg, no momento em que ela define a Educação

Patrimonial como “o ensino centrado nos bens culturais, como a metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como fonte primária de ensino” (GRUNBERG, 2002, p. 99). A Educação Patrimonial pode ser mais utilizada nas Escolas, pois desta maneira, os alunos terão a oportunidade de contato maior com a história e com os patrimônios do seu bairro, da cidade, etc. Sendo ela pouco aplicada pelos professores, talvez por falta de conhecimento dos docentes sobre a metodologia.

O presente trabalho tem como objetivo destacar algumas atividades que são possíveis de realizar em sala de aula para aproximar os alunos dos seus bens culturais. Muitas vezes é difícil para uma criança entender o sentido de patrimônio, ficando muitas vezes uma idéia destorcida, pois muitos acham que patrimônio tem que ser algo antigo, grandioso e se localizar no centro da cidade.

Para trabalharmos com a Educação Patrimonial buscamos apoio no “Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial” da autora Evelina Grunberg, o qual destaca a ênfase no desenvolvimento de um trabalho com vistas a:

[...] desenvolver a percepção e o espírito crítico, através de uma metodologia específica de trabalho, propiciando experiências e contato direto com as manifestações culturais, sejam bens materiais como edifícios, praças, mercados, jardins, fotografias, documentos, esculturas, quadros, instrumentos de trabalhos, etc. ou bens imateriais como música, danças, festas religiosas, ou populares, comidas, rituais, hábitos e costumes, formas de fazer, saberes e dizeres populares etc. (GRUNBERG, 2007, p. 04).

Este Manual contém a indicação de inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas com crianças, como é o caso deste trabalho mas, também, contempla atividades para jovens e adultos, as quais podem ser realizadas, tanto no ensino formal, quanto no informal.

Nesta direção, uma das atividades que consta no Manual e foi realizada na sala de aula está descrita no título “Os bens culturais e suas histórias”. Esta atividade é relevante pois, muitas vezes, os alunos, ao se depararem com a

palavra “patrimônio”, logo, lembram de um grande casarão, localizado no centro da cidade. Porém, desconhecem que, por exemplo, um porta jóias possuído por uma aluna, no interior de sua residência, o qual pertencia a sua avó e que a mesma guarda com carinho, pode ser seu patrimônio do mesmo modo, como uma cantiga de roda. Então, esta atividade visa chamar a atenção dos alunos para qualquer “coisa”, algo pelo que eles tenham pertencimento é seu patrimônio, tendo em vista que, o importe é o valor atribuído e, não estamos falando aqui em valores, com o sentido de dinheiro, mas sim, o valor sentimental, aquele impossível de medir. Tal qual explicam Funari e Pelegrini:

Hoje, quando falamos em patrimônio, duas idéias diferentes, mas relacionadas, vêm à nossa mente. Em primeiro lugar, pensamos nos bens que transmitimos aos nossos herdeiros – e que podem ser materiais, como uma casa ou uma jóia, com valor monetário determinado pelo mercado. Legamos, também, bens materiais de pouco valor comercial, mas de grande significado emocional, como uma foto, um livro autografado ou uma imagem religiosa do nosso altar doméstico. Tudo isso pode ser mencionado em um testamento e constitui o patrimônio de um indivíduo.

A esse sentido legal do termo, devemos acrescentar outro, não menos importante: o patrimônio espiritual. Quando pensamos no que recebemos de nossos antepassados, lembramo-nos não apenas dos bens materiais, mas também da infinidade de ensinamentos e lições de vida que eles nos deixaram (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 8).

Para este exercício foi solicitado aos alunos que troxessem de casa um ou mais patrimônios individuais, algum objeto que ele guarde em casa, do qual goste muito; pode ser algo seu ou de sua família. Nesta atividade, Evelina Grunberg sugere que os alunos respondam as seguintes perguntas, presentes no Manual a respeito do seu objeto (GRUNBERG, 2007, p. 09):

Qual a cor, a forma e a textura? Tem cheiro, gosto? Faz barulho? Está completo ou falta alguma parte? Já foi consertado ou adaptado? Está usado ou é novo? Foi feito à mão ou à máquina? Quem o fez? Quem o usou? O uso foi mudado? Numa peça única ou em partes separadas? São montáveis (parafusos, encaixes, cola)? Com molde ou a mão? É decorado ou ornamentado? Quem o fez? Para que fim? Quem usou? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado? Gosta da sua aparência? Que valor tem para as pessoas que o usaram ou usam? Para quem fabricou? Para quem o guardou?

Para quem o vendeu? Para você? Para um museu? Para um banco? Se você o encontrasse na rua, o que faria com ele?

Essas perguntas fazem com que o aluno pare e reflita, observe o objeto escolhido para trazer para aula; então, a partir das primeiras etapas da metodologia da educação patrimonial, os alunos vão descrever por escrito o mesmo, respondendo às perguntas que lhes foram passadas (citadas anteriormente). Após responderem estes questionamentos, cada educando apresentará para a turma seu bem patrimonial, contará a história do objeto, o porquê da sua escolha, chegando então na questão de valor, visando a percepção de que nem tudo é patrimônio, ou tem um valor monetário instituído pelo mercado, como já foi citado por Funari e Pelegrini, nem mesmo precisa estar em destaque no centro histórico da cidade, ou em um lugar onde todos vejam. Destacamos a variedade de objetos que foram levados para a sala de aula, como medalhas, dinheiro antigo, prato que era da Avó, um banco que a aluna ganhou no seu aniversário de 1 ano, baú, moedas antigas, um medalhão, troféu.

E no segundo momento da aula, os estudantes se reuniram em pequenos grupos e, em conjunto, criaram e contaram histórias com os objetos dos integrantes. Histórias com títulos como: “Os patrimônios”, “A procura dos Três Baús”, “A Menina e a Cadela”, “A Guerra”. Neste momento os alunos pensaram sobre os objetos, criaram novas histórias para os mesmos.

A partir desta atividade, visamos o desenvolvimento e o trabalho com o sentido de Patrimônio Cultural. Como trata Evelina Grunberg no Manual, a partir da realização desta atividade, “poderemos também desenvolver atividades de pesquisa com os familiares, entrevistas com os mais velhos e identificação de objetos, documentos e histórias orais que eles possam contar” (GRUNBERG, 2007, p. 10).

Com base nestas informações, trabalhamos com a memória de pessoas mais experientes da família destes alunos, fazendo com que eles realizassem pequenas entrevistas, para bem de conhecerem um pouco da história de sua família, fazendo-os perceber o quanto a história da cidade está próxima deles,

de modo a se sentirem herdeiros desta. Além disso, as entrevistas foram registradas pelos alunos de forma escrita, tendo em vista o tempo para realização da pesquisa. Assim, para trabalharmos com a metodologia da História Oral, seria necessário um tempo só para preparar os alunos para gravar, transcrever as entrevistas e, não sendo possível isto, os alunos entregaram esta parte do trabalho em formato de texto.

Antes de falarmos sobre o trabalho das entrevistas, foi realizada uma leitura e uma roda de conversa sobre o livro “As aventuras do Gato Caixeiro em Londrina”. Este livro foi pensado para se trabalhar com crianças, nas primeiras séries do Ensino Fundamental e é resultado de um projeto desenvolvido na cidade de Londrina, no ano de 2010 (o projeto intitulado “Educação Patrimonial VI: Memórias da Rua”). A história do livro conta com um personagem principal: o Gatão – o contador da história –, este narra a história do Gato Caixeiro, um gato que chegou à cidade de Londrina no final da década de 1930, quando o local recém estava crescendo. Durante a história, o Gato conta costumes da cidade, fala sobre como eram as ruas, como a mesma foi se desenvolvendo, aborda alguns acontecimentos da cidade, enquanto os dois gatinhos, que escutam a história, estão muito atentos e fazem algumas perguntas. No final da história, o Gatão, contador de histórias, fala que esta história lhe foi contada quando ele ainda era muito pequeno, pelo Gato Caixeiro, o qual era o seu avô.

Assim, o livro busca valorizar a relação da família a partir do ato de sentar e escutar as histórias dos mais velhos. A partir da leitura e discussão sobre este livro, vai ser proposto para os alunos que eles entrevistem seus avôs, pessoas mais velhas as quais eles conheçam para saber como era a cidade antigamente, o que existia aqui, etc.

Para trabalharmos com entrevistas é necessário ter um ponto de partida, um acontecimento, um local, enfim, algo que marque o início da entrevista, de modo que os alunos consigam se organizar melhor ao realizarem o trabalho. O ponto de partida para estas entrevistas foi a Fábrica Rheingantz, foi escolhido este local para trabalharmos com as entrevistas, porque a história deste local está vinculada a várias famílias da cidade, pois a fábrica empregou muitos rio-

grandinos durante o final do século XIX e XX; portanto, muitas famílias tiveram algum membro que trabalhou neste lugar e esta memória ainda se encontra muito presente na sociedade. Aproveitando também que, atualmente, o Complexo Rheingantz esteve em alta na mídia, já que a área a qual abrigou as instalações foi leiloada e vendida no final do ano de 2012, existindo muitas discussões em torno do Complexo, referente a conservar ou não o mesmo. Desta forma, ficará fácil aos alunos terem acesso a informações sobre o local, uma vez que as memórias estão vivas na sociedade, e sendo “mexidas” neste momento. Todavia, os alunos irão pesquisar como era a cidade antigamente, como viviam seus familiares, quais práticas eram comuns naquele tempo. Visto que muitos jovens não têm o costume de escutar as histórias contadas por seus avós, não dão muito valor às histórias daqueles “arquivos vivos”, como apontam Carmem Gil e Dóris Almeida esta prática de escutar os mais velhos está se perdendo no tempo e deixando de ser usada:

Pense bem: antes, quando uma professora solicitava aos seus alunos uma pesquisa sobre determinado assunto, era comum que muitas crianças procurassem os mais velhos da família, sábios pela vivência, para ajudarem a resolver a tarefa. As crianças tinham confiança nos mais velhos, aliada ao respeito pela sabedoria. Atualmente, o que acontece? De forma crescente, a internet parece ocupar o lugar que os mais velhos mantinham de depósito de informações (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 55).

Dessa forma, com base em atividades como entrevistas, foi necessário que os alunos voltassem seus olhares para as narrativas dos mais velhos, as histórias a serem contadas; deixando de lado um pouco o meio da *internet*, não que esta seja vista como algo negativo, pois devemos tê-la como aliada na construção do conhecimento. Entretanto, não podemos deixar de lado práticas como a conversa olho no olho, haja vista que, é a partir deste tipo de atividade, que passamos a conhecer melhor o que está ao nosso lado e, também, faz parte da nossa história e memória.

No dia que os alunos trouxeram os resultados de suas pesquisas a empolgação, a pressa em contar para os colegas o que tinham escutado em suas entrevistas era visível, já que o que tinha sido trabalhado era a História de suas famílias. Optamos por uma conversa onde cada um contou suas

experiências. E o resultado desta aula foi muito positivo, já que a partir do que eles falaram, foi possível abordar vários aspectos da Cidade antigamente como transporte, por exemplo, ““antigamente o transporte das pessoas que vinham de outra cidade era feito atrás de trem, e dentro da cidade atrás do bonde” (Narrativa do aluno A<sup>1</sup>). O comércio e as fábricas foi outro ponto abordado na aula, já que muitas narrativas traziam informações, alguns exemplos como: “Não existiam supermercados, somente armazéns, um em cada esquina que vendiam de tudo desde legumes até querosene, carvão e panelas” (Narrativa do aluno B.). Como exemplo das fábricas temos essa narrativa que conta sobre as varias fábricas que existiram em Rio Grande: “Em Rio Grande antigamente tinha muitas fábricas de peixes, de doces, de tecidos, de bolacha e de café. A fábrica mais conhecida era a Rheingantz” (Narrativa do aluno J.). Nestas entrevistas também foram citadas brincadeiras de crianças, como trás o aluno, ““as crianças podiam brincar na rua, pulavam corda, brincavam de boneca, jogavam amarelinha, hoje os jogos são completamente eletrônicos” (Narrativa do aluno A.). Outros costumes também apareceram como “a guarda noturna para cuidar das residências, e as fotografias eram tiradas na praça Tamandaré e saiam na hora, preto e branco” (B. 9 anos).

Alguns destes pontos citados a cima talvez se fossem trazidos por nós, não fariam tanto sentido, mas como seus avós, pais, pessoas próximas vivenciaram esse tempo e eles tiveram a oportunidade de escutar suas vivencias isso passou a fazer parte da História deles.

A partir da realização destas entrevistas com seus familiares e com a comunidade, onde os alunos desempenharam um papel de detetives, para saber como era Rio Grande antigamente. O objetivo era em mexer com a curiosidade da turma e, principalmente, fazer com que cada um deles se sentisse pertencente, como parte das histórias que foram contadas, deixando, assim, uma “semente” para que novas conversas sejam realizadas, pois “as redescobertas de suas identidades individuais e coletivas se processa pela pesquisa e observação, enquanto o aprendizado se fixa mediante as

---

<sup>1</sup> Optamos pelo anonimato dos alunos.



experiências vivenciadas pelos atores sociais envolvidos” (PELEGRINI, 2009, p. 47).

Por meio dessas novas estratégias para auxiliar no ensino de História, trabalhando com os bens culturais como fonte, documentos para o ensino, podemos (re)construir com os alunos a história da cidade, amparadas na metodologia da Educação Patrimonial. Tendo em vista que, a simples preservação não garante a vivência das pessoas com o patrimônio, a vivência ocorre por meio da experiência. Não se faz, e não se apreende História somente na sala de aula; a partir de atividades como as citadas neste trabalho, tornamos o ensino mais dinâmico através da vivência com os bens culturais, uma vez que esta acontece a partir da experiência prática.

## Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Os usos didáticos de documentos. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 325-382.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corporeidade**. Ilustração de Eloar Guazzeli. Erechim: Edelbra, 2012.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais. In: **Porto Alegre**. Prefeitura Municipal Museologia Social. Porto Alegre, EU – Secretária Municipal de Cultura, 2002. pp. 95- 110.

\_\_\_\_\_. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

TREVISAN, Ana Cláudia Cerini. MAGALHÃES, Leandro Henrique. **As aventuras do gato caixeiro em Londrina.** Ilustrador Gustavo Sandoval Dantas. Londrina: EdUnifil, 2011.